

Muito humanos, muito divinos (2): O caminho está no nosso interior

Com a força da fé e a confiança da esperança, podemos dizer a nós próprios: aqui e agora posso ser luz de Deus, amor de Deus.

17/04/2021

Uma busca constante de Deus. Assim foi a vida de Santo Agostinho: uma busca apaixonada, que nem sempre encontrou os caminhos que o

levavam verdadeiramente até Ele. Na juventude, foi fortemente influenciado pelo seu interesse pela literatura e pela admiração que as suas capacidades retóricas suscitaram nos outros. Por vezes, os impulsos levaram-no a afastar-se, e, até mesmo a adotar formas de pensar que estavam em oposição à fé cristã. No entanto, a busca da verdade e a leitura da Sagrada Escritura aproximaram-no gradualmente do cristianismo. Talvez com este processo em mente, e conhecendo muitas pessoas sábias com quem partilhava inquietações, mas que não chegaram a Cristo, Santo Agostinho escreveu que por mais raciocínio adequado que se consiga alcançar, «nem todos encontram o caminho. Os sábios do mundo compreendem que Deus é uma certa vida eterna, imutável, mas veem-no de longe (...). O Filho de Deus que é sempre a Verdade e a Vida no Pai, ao assumir o homem,

fez-se caminho para nós, que não tínhamos por onde ir até à verdade. Caminha pelo homem e chegas a Deus»^[1].

Chegamos a Deus através de Cristo

Talvez não seja difícil sentir que é Deus quem procuramos, que é Ele que nos espera no final da viagem. Acontece o mesmo com a origem: identificamos dentro de nós um impulso, e suspeitamos que nos vem d'Ele. Contudo, pode ser mais complicado experimentar que Deus é também o caminho: chega-se a Deus através d'Ele. E é precisamente para que possamos percorrer esse caminho que enviou o seu próprio Filho ao mundo; podemos não só ouvi-Lo, olhá-l'O ou tocá-l'O, mas até participar na sua vida. Jesus «não nos mostrou apenas o caminho para encontrar Deus, um caminho que poderíamos seguir por nós próprios, obedecendo às Suas palavras e

imitando o Seu exemplo. Em vez disso, para nos abrir a porta da libertação, o próprio Cristo tornou-se caminho: “Eu sou o caminho” (Jo 14, 6)»^[2].

A liturgia da Santa Missa confirma-o quando, no final da oração eucarística, o sacerdote proclama, elevando o Pão e o Vinho: «Por Cristo, com Cristo e em Cristo...». Só podemos chegar a Deus *por* Cristo, *com* Ele *n'Ele*. A sua pessoa é o caminho pelo qual devemos prosseguir, a verdade pela qual podemos alcançar o objetivo e a vida em que podemos viver a nossa própria vida. É por isso que, desde aquela primeira vez no Cenáculo, cada celebração da Eucaristia culmina na comunhão com o corpo de Jesus: Deus torna-se alimento para o caminho, o caminho que é Ele próprio.

Caminhar por este *trilho* torna possível a plenitude da vida. «A fé nasce do encontro com o Deus vivo que nos chama (...). Aparece como uma luz no percurso, que orienta o nosso caminho através do tempo»^[3]. S. Josemaria saboreava de uma forma especial a certeza de ter encontrado o mesmo Cristo dos Evangelhos: «Jesus é o caminho. Ele deixou neste mundo as pegadas limpas dos seus passos... quanto gosto de o recordar: Jesus Cristo, o mesmo que foi ontem para os apóstolos e para as pessoas que o procuraram, hoje vive para nós»^[4].

Três feixes de luz

O quarto Evangelho diz-nos de João Batista que «veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas a testemunha da luz» (Jo 1, 6-8). Aquela luz da qual João deu testemunho

também quer manifestar-se em cada batizado. De facto, se Cristo, como proclamamos numa das versões do Credo, é «Luz da Luz», também se pode dizer que os cristãos que o recebem e «acreditam no seu nome» (Jo 1, 12) são, ao mesmo tempo, luz dessa Luz. Portanto, quando pedimos a Deus *luz para ver*, estamos, ao mesmo tempo, a pedir para sermos nós próprios, como o Batista, testemunhas da Luz no mundo.

Não é suficiente termos o clarão de luz que nos permitiu partir na nossa viagem; nem é suficiente termos aquele brilho que, projetado nas profundezas da vida, nos permite orientar-nos. Precisamos de uma luz que nos acompanhe a partir do interior. Necessitamos de uma força que vivifique a nossa própria força. E este é o papel desempenhado na nossa alma pelas virtudes teologais: fé, esperança e caridade, que são

como três feixes de luz, como as três cores primárias da vida de Deus em nós. Estas três virtudes, de facto, «adaptam as faculdades do homem a uma participação na natureza divina»^[5]; com elas «Nosso Senhor faz-nos seus, endeusa-nos»^[6].

Fé, esperança e caridade correspondem, em certo sentido, «às três dimensões do tempo: a obediência da fé aceita a palavra que vem da eternidade, e, promulgada na história, transforma-se em amor, em presente, e assim abre a porta da esperança»^[7]. A fé precede-nos: diz-nos de onde vimos, mas também para onde vamos; não é apenas uma memória, mas uma luz que ilumina o futuro: abre-nos à esperança, projeta-nos para a vida. E, no centro do fio estendido entre estes dois polos, desdobra-se a caridade, que se conjuga sempre no tempo presente. Com a força da fé e a confiança da esperança, podemos dizer a nós

próprios: aqui e agora, nesta pessoa, nesta situação, eu posso ser, com todas as minhas limitações, a luz de Deus, o amor de Deus.

A novidade vem da convivência com ele

«O mundo encontra-se em grande necessidade, meus filhos», dizia numa ocasião S. Josemaria, «porque milhões e milhões de almas não conhecem Deus, ainda não viram a luz do Redentor. Cada um de vós deve ser, como Nosso Senhor quer que sejamos, *quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco*, como um farol aceso no meio das trevas»^[8].

A luz que acende este farol tem duas fontes. A primeira pertence-nos pelo simples facto de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus. Esta fonte nunca nos deixa e manifesta-se na nossa capacidade de compreender o que é verdadeiro, na nossa inclinação para querer o que é

bom e, ainda mais profundamente, na nossa dignidade por ter vindo da mão de um Criador sumamente inteligente, amoroso e livre, e não do acaso cego. A esta fonte de luz junta-se a torrente da nossa «regeneração operada no Batismo, que faz que todo o cristão tenha, ontologicamente, uma nova vida que late no seu interior»^[9]. Este sacramento cura a ferida do pecado que herdámos dos nossos pais e torna-nos mais capazes de iluminar o nosso entorno.

Estas duas grandes fontes – o nosso ser criado à imagem de Deus e o nosso Batismo – impelem-nos a refletir a luz de Deus. Quando um mestre da lei, escondido dos outros, se aproximou de Jesus para lhe perguntar como viver realmente perto de Deus, ele respondeu: «Aquele que age segundo a verdade vem para a luz» (Jo 3, 21). Também as nossas ações, levadas pela

misericórdia de Deus, geram luz se nos deixarmos mover pela nossa bondade e pela Sua graça, se nos despojarmos do que nos leva a mover-nos, por vezes, na direção oposta. Esta familiaridade com a luz de Deus, esta facilidade em optar pelos seus bens maiores do que pelos outros bens aparentes, transforma-se gradualmente numa «conaturalidade entre o homem e o verdadeiro bem. Tal conaturalidade fundamenta-se e desenvolve-se nas atitudes virtuosas do próprio homem: a prudência e as outras virtudes cardeais, e em primeiro lugar as virtudes teologais da fé, esperança e caridade»^[10].

A identificação com Jesus Cristo consiste no desenvolvimento, pela graça e pelo acolhimento que lhe damos na nossa alma, daquela conaturalidade cada vez maior com Ele, para que possamos vir a ter os seus mesmos sentimentos (cf. Flp 2, 5), as suas mesmas atitudes. Quanto

mais avançamos na intimidade com Jesus, mais percebemos que procurar a santidade não consiste principalmente em lutar para atingir o auge de um certo padrão moral, mas sim num caminho confiante com Deus, pelo qual nos sentimos com ele, sofremos com ele, vibrarmos com ele. Que bem ilustrou S. Josemaria: «Em momentos de exaustão, de desânimo, ide confiantes a Nosso Senhor, dizendo-lhe, como aquele nosso amigo: “Jesus, Tu verás o que estás a fazer...: antes de começar a luta, já estou cansado”»^[11]. Esta é a responsabilidade do cristão: responder com ele. «Jesus, aqui estou. Contigo. Tu verás o que fazes...».

A vida cristã, entendida desta forma, não consiste em aceitar um sistema de ideias, mas em confiar numa pessoa: em Cristo. Foi assim que tantos homens e mulheres ao longo da história o viveram. Hoje em dia

não temos outra mensagem ou outros meios. Como eles, temos a tarefa de iluminar o mundo a partir de dentro, como os escritos dos primeiros séculos o descreveram graficamente: «Os cristãos são no mundo o que a alma é no corpo (...). Tão importante é o lugar que Deus lhes atribuiu que não é lícito para eles desertar»^[12]. Ser alma do mundo: esse é o nosso caminho, e o caminho está dentro de nós. É Jesus Cristo, que nos quer, como Ele, muito humanos e muito divinos.

[1] Sto. Agostinho, Sermão 141, n. 1-4.

[2] Congregação para a Doutrina da Fé, carta *Placuit Deo*, n. 11.

[3] Francisco, *Lumen Fidei*, n. 4.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 127.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1812.

[6] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 98.

[7] Joseph Ratzinger, *Communio. Un programa teológico y eclesial*, Encuentro, Barcelona 2013, p. 303.

[8] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 02/06/1974.

[9] Fernando Ocáriz, “*A vocação do Opus Dei como vocação na Igreja*”, in *O Opus Dei na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1994, p. 169.

[10] S. João Paulo II, *Veritatis Splendor*, n. 64.

[11] S. Josemaria, *Forja*, n. 244.

[12] *Carta a Diogneto*, VI.

Charles Ayxelà

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/muy-humanos-
y-muy-divinos-virtudes-cristianas-2/](https://opusdei.org/pt-pt/article/muy-humanos-y-muy-divinos-virtudes-cristianas-2/)
(28/01/2026)